

O desafio é implementar uma gestão coordenada das crises¹

Reive Barros²

As mudanças climáticas são uma realidade e vem ocorrendo de forma acelerada, e seus efeitos já são visíveis tanto globalmente quanto no Brasil.

A média global de temperatura entre maio de 2023 e abril de 2024 foi a mais alta já registrada, 1,61°C acima da média pré-industrial.

O aquecimento dos oceanos em maio de 2024 foi o 13º mês consecutivo com recorde de temperatura da superfície do mar, na Antártida, a extensão do gelo marinho atingiu um dos menores níveis já registrados pelo terceiro ano seguido. No Ártico, a cobertura de gelo está abaixo dos níveis de 2012, com risco de novo recorde mínimo.

Tem se observado a ocorrência de eventos extremos com ondas de calor, furacões mais intensos, secas prolongadas e enchentes estão se tornando mais frequentes e severos.

No Brasil, regiões como o Sul, Sudeste e o Nordeste enfrentam tempestades que causam alagamentos, deslizamentos e mortes. Por outro lado, ondas de calor e secas: O Sul do país tem enfrentado secas históricas, afetando o abastecimento de água e a produção agrícola.

Crise energética devido a escassez de água nos reservatórios das hidrelétricas que compromete a geração de energia elétrica.

O clima em São Paulo tem passado por mudanças significativas nos últimos anos, com eventos extremos se tornando mais frequentes e intensos. O Volume anual de precipitação tem aumentado gradualmente. Segundo o Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da USP (IAG-USP), entre 1933 e 2023, o acumulado de chuvas cresceu em média 5,5 mm por ano.

¹ Artigo publicado na Agência CanalEnergia. Disponível em: <https://www.canalenergia.com.br/artigos/53325356/o-desafio-e-implementar-uma-gestao-coordenada-das-crisis>. Acesso em: 17.10.2025.

² Diretor da Acrópolis Energia.

São Paulo vem registrando chuvas severas, em 2023 foram 1784,5 mm de chuva, esse volume representa mais que o dobro do volume observado em 1933. Dias com chuvas intensas (mais de 80 mm em 24h) também aumentaram.

Para se ter uma ideia das grandes transformações, no período de 1941a1950 apenas 2 dias ocorreram chuvas severas. Entre 2001 a 2010 foram 12 dias. De 2011 a 2019 foram 13 dias.

O crescimento urbano é um dos principais responsáveis pelas mudanças no padrão climático. A cidade gera mais calor por conta de construções, veículos, indústrias e uso de ar-condicionado, o que intensifica a formação de chuvas.

A umidade trazida pela brisa marítima e pela evapotranspiração da vegetação também contribui para a instabilidade atmosférica.

Portanto, esse é o novo normal, todos precisam se adequar a essa nova realidade, autoridades estaduais, municipais, concessionários de serviços públicos e a população de modo geral.

Ninguém tem dúvidas que esses fenômenos climáticos ocorreram cada vez mais intensos, de forma recorrente, causando grandes prejuízos para as áreas atingidas.

As precipitações de chuvas podem ser classificadas em três tipos pequeno, médio e grande porte, para cada um desses deve ser planejada uma estratégia que consiste em atuação preventiva, ou seja, com as previsões emitidas pelo INMET, as medidas de mobilização necessária, serão adotadas para minimizar os impactos de acordo com o tipo de precipitação.

Esse trabalho deverá ter uma coordenação que pode ser estadual ou municipal dependendo do porte da ocorrência. Atuando de forma multidisciplinar, utilizando os órgãos existentes da administração pública e as empresas concessionárias de serviços privados. Atualmente cada concessionária privada tem a sua estratégia de solução dos problemas e os resultados obtidos até então aumenta consideravelmente o tempo de recomposição dos serviços.

É desafio de implementar um Comitê de Crise Permanente (CCP), para no momento de severas ocorrências possam colaborar de forma conjunta. Devendo ser planejado e discutido periodicamente, onde cada órgão público e privado simula antecipadamente os tipos de ocorrências, a infraestrutura necessária para cada situação específica.

Caberá ao CCP avaliar as últimas ocorrências, as falhas que porventura foram identificadas e principalmente o que poderá ser feito para a melhoria dos processos de recuperação do sistema e atendimento aos clientes.

As concessionárias de serviços públicos deverão apresentar na CCP as suas estratégias para as ocorrências de pequeno, médio e grande porte, bem como os recursos associados e como os trabalhos poderão ser desenvolvidos em parceria.

A previsão meteorológica, o monitoramento sistemático são aspectos já realizados atualmente com precisão, restando atuar de forma conjunta, onde todos os envolvidos estejam comprometidos com os resultados.

A comunicação com a sociedade é um fator de sucesso para todo esse trabalho deve ser centralizada para evitar informações desencontradas e a perda de credibilidade em todo o esforço que está sendo realizado.

No momento das grandes precipitações todos estão devem estar preparados, trabalhando em equipe, órgãos públicos e concessionárias privadas, cada um sabendo da sua responsabilidade e com espírito de equipe e mais uma vez em parceria, para atender da melhor forma a sociedade.

Em São Paulo, esse modelo de atuação será facilitado pelo excelente nível dos gestores estadual e municipal, além da elevada qualificação técnica dos profissionais, o que precisa é assimilar que se cada um tem objetivos distintos certamente a meta comum não será alcançada.

Na hora de uma crise as autoridades serão cobradas pela sociedade, e não adianta gastar tempo e energia em tentar justificar algo que apesar de um certo nível de imprevisibilidade nas suas dimensões, não foram adotadas as medidas adequadas.

O momento de intensificar o diálogo é agora, porque uma coisa é certa, virão outros desastres climáticos, e não se pode repetir os mesmos erros, por falta de entendimento, uma vez que o problema é de responsabilidade de todos.